



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

DINÁ SILVEIRA DOS SANTOS

**DANÇAS MIDIÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA AÇÃO
PEDAGÓGICA PARA REFLETIR SOBRE A FIGURA DA MULHER NO
FUNK**

Aracaju- SE

2023

DINÁ SILVEIRA DOS SANTOS

**DANÇAS MUDIÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA AÇÃO
PEDAGÓGICA PARA REFLETIR SOBRE A FIGURA DA MULHER NO
FUNK**

Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz

Aracaju- SE

2023

S211 Santos, Diná Silveira dos.

Danças midiáticas no contexto escolar: Uma ação pedagógica para refletir sobre a figura da mulher no funk/ Diná Silveira dos Santos.- 2023.

27f. : il.

Orientadora: Profª Drª. Clécia Maria Aquino de Queiroz.

Relato de Experiência (graduação) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Danças Midiáticas. 2. Ação Pedagógica em Dança. 3. Funk I. Diná Silveira dos Santos.
II. Universidade Federal de Sergipe.

Título. CDD -

DINÁ SILVEIRA DOS SANTOS

**DANÇAS MUDIÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA AÇÃO
PEDAGÓGICA PARA REFLETIR SOBRE A FIGURA DA MULHER NO
FUNK**

Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Aprovada em

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dra. Edna Maria do Nascimento
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Aracaju -SE

2023

RESUMO

Este trabalho, escrito como requisito parcial do meu Trabalho de Conclusão do Curso, relata a experiência vivenciada na disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de Dança III, ofertada pelo Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe durante o oitavo período letivo curricular da Licenciatura. O estágio teve como proposta a elaboração de um projeto-artístico cultural, que aqui chamarei de ação pedagógica, no qual desenvolvi juntamente com outros oito discentes do curso, usando uma metodologia pautada em exercícios práticos que visou despertar o interesse dos estudantes pela dança, uma vez que havia observado no Estágio II uma certa resistência a essa prática artística. A ação pedagógica intitulada “Danças midiáticas no contexto escolar: A mulher aos olhos da mídia”, utilizou como objeto de estudo letras do Funk, objetivando a conscientização e uma reflexão acerca de músicas midiáticas e a desvalorização da mulher nas composições desse gênero musical. O trabalho me levou à compreensão da importância da dança enquanto elemento potente na educação de adolescentes e jovens, com amplas possibilidades de alavancar discussões de temas que possam vir a contribuir para a formação cidadã dos alunos.

Palavras-Chave: Danças Midiáticas; Ação Pedagógica em Dança; Funk.

ABSTRACT

This work, written as a partial requirement of my Course Completion Work, reports the experience in the Supervised Internship in Dance Teaching III discipline, offered by the Dance Department of the Federal University of Sergipe during the eighth curricular academic period of the Degree. The purpose of the internship was to develop a cultural artistic project, which I will call here a pedagogical action, in which I developed together with eight other students on the course, using a methodology based on practical exercises that aimed to awaken students' interest in dance, since I had been observed in Stage II a certain resistance to this artistic practice. The pedagogical action entitled "Media dances in the school context: The woman in the eyes of the media", used Funk lyrics as an object of study, aiming to raise awareness and reflect on media songs and the devaluation of women in the compositions of this musical genre. The work led me to understand the importance of dance as a powerful element in the education of adolescents and young people, with ample possibilities for promoting discussions on topics that could contribute to the citizenship formation of students.

Keywords: Media Dances; Pedagogical Action in Dance; Funk.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Apresentação da ação pedagógica.....	18
Figura 2 - Parte da dos estudantes presentes no primeiro dia.....	18
Figura 3 - Auxílio dos estagiários na atividade.....	19
Figura 4 - Letra da música utilizada na atividade	20
Figura 5 - Apresentação artística.....	22
Figura 6 - Apresentação artística.....	22
Figura 7 - Apresentação artística.....	23
Figura 8 - Apresentação artística.....	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2. A DANÇA ENQUANTO ÁREA DE CONHECIMENTO NO CURRÍCULO ESCOLAR	12
3. UMA PROPOSTA DE AÇÃO PEDAGÓGICA SAÍDA DA SALA DE AULA	14
4. A AÇÃO PEDAGÓGICA “DANÇAS MUDIÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A MULHER AOS OLHOS DA MÍDIA”.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

A dança sempre esteve presente na minha vida, pois desde pequena gostei de dançar e principalmente de memorizar coreografias. Meu sonho de criança era ser dançarina, mas ao mesmo tempo, por nunca ter feito aulas de danças específicas como o balé ou o jazz, achava um sonho impossível.

Durante a Educação Básica, na escola Municipal Ferreira Brito, em Ribeira do Pombal-BA, onde estudei, haviam festivais com apresentações de dança, e sempre participava dos ensaios, elaborava coreografias juntamente com meus colegas, selecionava músicas. Infelizmente não participava das apresentações, pois minha mãe só me permitia dançar quadrilha; qualquer outro estilo era barrado.

Quando chegou o momento de decidir em qual área atuaria profissionalmente, tive conhecimento sobre a graduação em Dança na UFS e decidir fazer. Em 2016, dei início à minha jornada universitária. O Departamento de Dança funcionava, naquela ocasião, em um lugar onde havia funcionado por anos o tradicional Estúdio Dança, escola da professora Lú Spinelli, e estar ali era um sonho. No entanto, fiquei dividida, sentindo ao mesmo tempo alegria e um medo tremendo dentro de mim. Eu não tinha nenhuma experiência que fosse relevante ou que tivesse me impulsionado para o mundo da Dança, apenas vontade de aprender e poder ensinar.

No primeiro dia de aula os professores falaram sobre suas respectivas disciplinas e contaram um pouco de suas trajetórias na dança e, a cada relato, pude perceber que nada seria impossível para mim.

O meu primeiro contato com o estudo profissional da dança foi de fato através da graduação, onde tive aulas de Dança Moderna, Dança Contemporânea, Balé Clássico, dentre outros estilos. À princípio, tive dificuldades com a aprendizagem, por ser meu primeiro contato com várias técnicas e práticas e não conseguir acompanhar o ritmo da turma, o que me fez pensar em desistir várias vezes. Mas com o decorrer do tempo e da frequência nas aulas dos componentes curriculares, fui me familiarizando e me desenvolvendo cada vez mais.

No sexto período do curso, iniciou-se a fase dos estágios supervisionados, na qual todos os discentes iriam para alguma escola observar o exercício da docência e, finalmente, desenvolver uma prática pedagógica, tendo um contato direto com o aluno. Durante essa fase, no processo de elaboração dos planos de aulas, sempre me vinha na cabeça a ideia de abordar a dança na escola de maneira leve, no sentido de não impor ou levar técnicas para serem simplesmente aplicadas.

Contudo, foi através do Estágio Supervisionado que pude perceber que não era tudo tão simples como parecia. Apesar de todo um planejamento anterior, o professor lida com diferentes tipos de alunos, sejam eles estudiosos, tímidos, impacientes ou indispostos. E me pareceu que em relação à dança tudo se torna mais difícil no sentido de obter a presença ativa dos alunos em sala de aula. A sensação que tive é que a vontade de aprender não é a mesma das demais disciplinas.

Essa sensação ficou mais evidente para mim no Estágio Supervisionado II, ministrado pelo Prof. Lino Daniel Evangelista Moura, quando elaborei um plano de curso, juntamente com outras duas discentes, para ser desenvolvido no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral Duarte, supervisionado pelo professor de Educação Física, Helder Henrique. O público alvo eram as turmas do 1º ano do Ensino Médio, com faixa-etária entre 14 a 19 anos.

Foram treze planos de aulas elaborados, que sofreram modificações ao longo do semestre escolar. Já tínhamos em mente trabalhar de forma lúdica e, principalmente, com elementos do cotidiano deles, compreendendo que os seus conhecimentos prévios eram importantes para questionamentos e colocações dentro da escola. Optamos por trabalhar com pesquisa de movimento; improvisação; criações de células; ressignificações com contextos midiáticos; concentração; noção de tempo; pesquisa corporal; relação de memória e imaginação. Em todas as aulas só tivemos a presença de dez alunos, em sua maioria meninas. No decorrer das aulas esse número de alunos oscilava entre dez e seis.

Algumas aulas foram ministradas em sala “teórica” e outras na quadra esportiva, onde geralmente aconteciam as aulas práticas, ambos lugares sem ventilação suficiente para um ambiente agradável. As salas para aulas teóricas não possuíam espaço suficiente para acomodar bem todos os discentes. Já na quadra, quando chovia, ficava praticamente impossível ministrar aula, pois como não tinha cobertura, ficava toda molhada, comprometendo a segurança dos alunos. O horário disponibilizado também não foi adequado, pois as aulas, começavam às 07:00h e terminava às 07:50h e eram poucos os alunos que chegavam cedo, sendo que a maioria chegava em torno de 07:30h. No entanto, nós as estagiárias sentíamos que não podíamos desanimar e nem desistir, e que precisávamos dar sequência ao que foi planejado. Isso fica explícito em um depoimento da minha colega Paloma Melo. Ela relatou que no início se sentia frustrada e que a falta de entusiasmo dos alunos parecia nos contagiar, mas por outro lado via “como é importante incentivar, e quanto mesmo que sem ânimo e até mesmo pouco à vontade com as aulas, os alunos podem desenvolver criações artísticas maravilhosas (MELO, 2019). Também ouvi da outra colega de estágio um depoimento positivo, no sentido de procurar vencer o desânimo do primeiro impacto causado pelas aulas na escola pública:

Nesse estágio tive a oportunidade de trabalhar um pouco com ideias que já vinha salientando há um tempo e queria muito pôr em prática, e os resultados foram muito positivos, pude perceber que alguns desses alunos realmente se envolviam, produziam e gostavam daquilo que produziam e observar isso foi com certeza gratificante. Acredito que pelo fato de aplicar o estágio com mais duas colegas, conseguíamos discutir mais sobre como as aulas estavam se encaminhando e assim observamos as melhores formas de aplicações de conteúdo na próxima aula. Foi muito diferente ver tão de perto que a diferença de realidades entre as escolas públicas e particulares é muito grande, por sempre ter trabalhado em escolas particulares para mim o choque da escola pública foi muito grande (GOMES, 2019)

Refletindo sobre o que foi esse período do Estágio Supervisionado II, a força que nós estagiárias ganhamos ao finalizarmos aquele período que nos parecera tão difícil inicialmente e pensando em um tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, resolvi fazer o relato de uma vivência mais positiva da docência, que tive no período seguinte. Desse modo, este presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma ação pedagógica realizada como parte do componente curricular Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no qual desenvolvi, juntamente com outros oito discentes do curso, uma ação com uma metodologia pautada em exercícios práticos no intuito de despertar o interesse dos estudantes pela dança, uma vez que havia observado, no Estágio Supervisionado II, uma certa resistência dos discentes em relação a essa linguagem artística.

Por esse motivo, acreditei que seria necessário encontrar metodologias de ensino da dança para acolher esses alunos, sem usar atitudes impositivas que terminem por causar uma resistência maior a essa linguagem artística. Em vista disso, meus colegas e eu optamos por desenvolver uma ação pedagógica com um tema no qual os estudantes tivessem uma certa aproximação, algo ligado, talvez, ao cotidiano deles. Tal ação, da qual falarei mais detalhadamente um pouco mais adiante, recebeu o nome de “Danças midiáticas no contexto escolar: A mulher aos olhos da mídia” teve como propósito refletir sobre as músicas midiáticas na sociedade, assim como a desvalorização da mulher nas letras de funk.

Pensando na dança dentro do currículo escolar e no desenvolvimento de uma metodologia que proporcionasse o entendimento dessa linguagem enquanto produção de conhecimento e dissolvesse preconceitos acerca do seu aprendizado, meus colegas e eu vivenciamos uma experiência que aqui me proponho a relatar. Para isso, além desta Introdução, dividi o presente trabalho em três seções. Na primeira delas, trago um pouco do contexto da inclusão da Dança no currículo escolar. Na segunda, me reportarei à proposta pedagógica desenvolvida na disciplina Estágio Supervisionado para o Ensino da Dança do curso de

Licenciatura em Dança, ministrada pela professora Bianca Bazzo Rodrigues, descrevendo todo o percurso, apresentando o campo de pesquisa, o público alvo, as dificuldades para realização do projeto e os fundamentos acerca da escolha do tema. A seção seguinte está voltada para a metodologia desenvolvida para apresentação da ação pedagógica na escola, a seleção das músicas da apresentação artística, um breve resumo sobre a história do funk e o processo da composição coreográfica. E, por fim, trago as minhas considerações finais.

2. A DANÇA ENQUANTO ÁREA DE CONHECIMENTO NO CURRÍCULO ESCOLAR

Antes de iniciar o relato, preciso contextualizar um pouco sobre a inclusão da dança no currículo escolar. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) estabeleceu o ensino obrigatório de Artes no território Nacional, e só em 1997, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a inclusão da Arte foi reivindicada na estrutura curricular e a dança reconhecida como uma das suas das linguagens, ao lado das artes visuais, do teatro e da música. De acordo com esses Parâmetros, a dança é vista enquanto área de conhecimento e tão importante no processo de construção do ser humano, como os demais componentes curriculares. Segundo o PCNs (1997) “A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação” (BRASIL, 1997, p.15).

Ainda, segundo esses parâmetros curriculares, a educação em arte possibilita o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção, que favorece ao aluno relacionar-se criativamente de maneira mais ampla com outras disciplinas do currículo. (BRASIL, 1997).

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. (BRASIL, 1997, p. 20)

Para Strazzacappa (2001, p. 69) “O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificadamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas

se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos”. Partindo dessa ideia, e também da interpretação dos PCNs, pode-se compreender que a dança pode vir a contribuir muito para a formação dos educandos, uma vez que sua principal ferramenta é o movimento, além de proporcionar o desenvolvimento criatividade, autonomia e a precisão de gestos.

Embora os PCNs tenham representado um avanço para as Artes na educação brasileira, eles são apenas referências curriculares e não leis. São as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), criadas em 2013, que vão prescrever a inclusão das linguagens artísticas na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio) do nosso país, se tratando de normatizações com caráter obrigatório. No dia 22 de dezembro de 2017, foi publicada a Resolução CNE/CP nº2, que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular a ser respeitada obrigatoriamente no âmbito da Educação Básica. Nesse contexto, a BNCC determina o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades em cada ano. Esse documento também define que as quatro linguagens das Artes (Artes visuais, Dança, Música e Teatro) fazem parte do componente curricular Arte e seu ensino é obrigatório na Educação Básica.

Apesar disso, o ensino das linguagens de Artes no Brasil ainda não é uma realidade efetiva. Diferentemente do estado da Bahia, que conseguem empregar professores de Dança em mais de 400 escolas públicas (SALVADOR, 2017), no estado de Sergipe, apesar da existência do curso de Dança da UFS desde 2007, não consegue dar emprego à maior parte deles. Não há professores contratados para todas as linguagens. Nesse cenário, um único professor, geralmente formado em Artes Visuais, ocupa o cargo e precisa cumprir todo conteúdo das quatro linguagens. Além disso, na rede privada, as escolas geralmente ofertam apenas o balé ou o *baby class* para a Educação Infantil e os Anos Finais do Fundamental, não oportunizando outras possibilidades de estilo de dança para as demais turmas.

Uma semelhança que pude observar entre a rede privada e a pública em relação à dança é que ambas ofertam essa linguagem como uma atividade extraclasse, por meio de gincanas e eventos culturais, atendendo apenas a um calendário festivo escolar, desassociando-a de um campo de produção do conhecimento. Desse modo, não enxergam a dança como um agente formador e transformador, que não se resume apenas em aquisição de habilidades ou entretenimento, mas sim, contribui no processo de construção do conhecimento do indivíduo.

A ação pedagógica que desenvolvemos no Estágio Supervisionado III, que descreverei na próxima sessão, levou em consideração essa ausência da dança no contexto escolar ou a não consideração da mesma enquanto área de conhecimento. De algum modo, queríamos aproximar

os estudantes dessa linguagem artística e, ao mesmo tempo, verificar sua potência para auxiliar na discussão de questões pertinentes aos participantes. Com essa questão na cabeça, partimos para a elaboração e execução da mesma.

3. UMA PROPOSTA DE AÇÃO PEDAGÓGICA SAÍDA DA SALA DE AULA

A proposta para a disciplina Estágio Supervisionado em Ensino da Dança III, que nos foi apresentada pela professora Bianca Bazzo Rodrigues, foi a da elaboração de um projeto artístico-cultural para ser executado nas escolas da rede pública, que aqui chamarei de ação pedagógica por conta do seu caráter de curta duração. Iniciamos essa elaboração em novembro de 2019, e até o mês de fevereiro de 2020 realizamos um trabalho de composição coreográfica, seleção de músicas e documentários para serem utilizados como atividades durante as aulas, que ocorreram no Colégio Estadual Professor Gonçalo Rollemberg Leite, nos dias 06 e 09 de março de 2020, durante o turno vespertino, no horário das 12:00 às 13:00 em turmas do Ensino Integral. A ação seria desenvolvida, inicialmente em três dias, mas por motivos de fortes chuvas, foi cancelado o primeiro dia. Sendo assim, as atividades foram realizadas em apenas dois dias.

O período longo entre o início do planejamento da ação e a sua realização ocorreu por causa de uma greve nas escolas públicas do Estado de Sergipe, ocasionando um tempo curto para a execução do que havíamos programado. Em vista disso, a professora Bianca Bazzo pediu para que a turma fosse dividida em três grupos, cada um sob a responsabilidade de criar um projeto/ação com alguma problemática social. Sendo assim, foi disponibilizado o horário da disciplina para os encontros em grupo para discutirmos sobre o tema a ser escolhido. O nosso grupo foi composto, além de mim, pelos discentes Ítalo José do Nascimento; Jaqueline Alves Lim; Leandro Torres Santana; Matheus Vinicius dos Santos; Mikaella de Oliveira Alves; Tainar de Oliveira e Wanderson Aurélio dos Santos.

O local onde o estágio foi realizado fica situado na Avenida Franklin de Campos Sobral, 1677 no Bairro Grageru em Aracaju-SE, no Colégio Estadual Professor Gonçalo Rollemberg Leite. O público alvo foram turmas do Ensino Médio do horário integral, supervisionadas pela professora de Artes, Carolina Natureza.

A escola possui uma infraestrutura organizada para comportar a quantidade de alunos e funcionários. Possui banheiros adequados à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, refeitório, auditório, quadra poliesportiva, biblioteca, área verde, laboratório de informática e ciências.

Para execução da ação pedagógica, tivemos acesso a uma sala com espelho, ar condicionado e chão coberto com tatame, para melhor rendimento das atividades. A escola também forneceu, como recurso, dois aparelhos de som, cabo auxiliar e um retroprojetor para realização das atividades.

Como citei anteriormente, à princípio já tínhamos em mente abordar um tema que estivesse presente no cotidiano dos alunos ou que eles já tivessem um certo conhecimento. Então, pesquisamos, discutimos e escolhemos: “Danças midiáticas no contexto escolar: A mulher aos olhos da mídia”. Escolhemos esse tema porque achávamos importante que os discentes refletissem sobre o que vivenciam, e que essa reflexão poderia levar a uma conscientização acerca da cultura midiática e da desvalorização da mulher recorrente nas letras das músicas que, em sua maioria, era composta no estilo musical funk.

O tema do nosso projeto/ação abrangia diversos aspectos, mas um deles colocava a pergunta: Por que a mulher é o alvo? Na maioria das letras do funk a mulher é colocada como objeto sexual e o homem como parte dominante da relação. Diante disso, a questão que discutíamos não era a criminalização do funk, ou a possibilidade de deixar de ouvi-lo ou de dançá-lo. Mas sim, questionávamos as letras que trazem a mulher, sexo, droga e estupro como pauta. Uma das questões discutidas foi a forma com que abordaríamos a temática de modo provocativo, dinâmico e crítico.

Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão mais conhecimentos ao aluno e serão mais eficazes como portadores de informação e sentido. O aluno, em situações de aprendizagem, precisa ser convidado a se exercitar nas práticas de aprender a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir sobre elas. (BRASIL, 1997, p.35).

Partindo dessa premissa presente nos PCNs, compreendíamos a importância em utilizar recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem, levando para sala de aula estratégias de abordagem que aproximassem aluno e professor para reflexões e ações transformadoras. Diante disso, definimos que nossa metodologia se daria através de uma apresentação artística, exibição de documentário e seleção de algumas músicas para uma atividade.

Para a seleção das músicas, considerando que o funk é uma prática e estilo musical que a maioria da “garotada” gosta, pois tem um ritmo contagiante, optamos por utilizá-lo como objeto de investigação, dando ênfase às letras. Isso vai ao encontro do que preconiza os PCNs de 2017:

Encarregada não de reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento em dança e por meio da dança com seus alunos, a escola pode proporcionar parâmetros para a apropriação crítica, consciente e transformadora dos seus conteúdos específicos. (BRASIL, p. 71).

Ao contrário do que a maioria pensa, a origem do funk não é brasileira. Ela está ligada aos Estados Unidos, provinda da *soul music*, popular estilo da comunidade afro-americana, e do gênero musical *rhythm and blues*.

Descendente direto do soul, do rhythm & blue e do jazz, o funk nasce oficialmente nos anos 1960 por meio de uma intervenção genial de James Brown (...) apontado como *godfather of soul* (padrinho do soul), Brown é apontado como invento do funk graças a sua mudança rítmica tradicional de 2:4 para 1:3. (MEDEIROS, 2006, p.14)

No Brasil, o funk chega no Rio de Janeiro, na década de 1970, nos subúrbios cariocas localizados na Zona Norte, mas os primeiros bailes foram realizados no Canecão, na Zona Sul, uma região da classe média. Porém, tiveram que se mudar para os clubes dos subúrbios da Zona Norte, pois o Canecão foi transformado em espaço nobre da MPB. (VIANA, 1987). No início, o “baile Funk” carregava uma importante carga política, e nas letras das músicas havia denúncias e luta contra o preconceito racial.

Facina (2009) fala que “esses bailes dos anos 1970, que foram comandados por pioneiros como Ademir Lemos, Big Boy, Dom Filó, Mister Funky Santos, entre outros, misturavam muitas vezes o entretenimento com a intenção de conscientização política dos negros”.

O funk no Rio de Janeiro passou por modificações. As composições passaram a falar sobre as dificuldades presentes nas comunidades carentes e, em um período mais longo, surgiram versos com teor sexual, trazendo a mulher como figura principal. Foi nos anos 2000 que as composições passaram a exaltar o corpo e a sexualidade da mulher.

Em 2001, o funk carioca ressurgiu deixando para trás as letras que fazem menção ao tráfico e à vida cotidiana nas favelas. A nova força do funk aparece em letras sexualizadas, denominadas como *pornofunk*. Com isso, os olhares voltam-se mais uma vez para o funk carioca. Diante da desaprovação da mídia e da sociedade em relação às letras com temáticas violentas e à violência praticada nos bailes, organizadores da festa passam a dar mais relevância às performances eróticas, sendo, durante muito tempo, acusados de promover orgias e a exploração sexual de menores. (BONFIM, 2015, p.80).

É nesse momento que o Funk passa a ser erotizado, onde a mulher se torna objeto de satisfação do homem. Dessa maneira, o homem tem o papel de domínio sobre a mulher, colocando-a como submissa na relação.

Na cena do mundo funk, as performances de gênero são encenadas de modo polarizado: entre o espaço da sexualidade e o espaço do compromisso com o casamento. Cabe destacar que, nessa polarização, existe uma ênfase na dominação masculina e nos padrões assimétricos dos gêneros. Assimtemos, de um lado, “o jovem macho sedutor”, que “tudo pode”, pois ele circula entre esses dois espaços: tanto o da sexualidade quanto o do casamento – ele pode seduzir e fazer sexo por prazer, mas também pode casar. E, de outro lado, a personagem “fiel” (como aquela que se estabelece vínculos do casamento) e a “amante” (aquela que está apenas no espaço da sexualidade). Além de amantes, as mulheres também se posicionam no funk como “cachorras”, “putas”, “piranhas” etc. Cabe destacar que para as mulheres não é possível cruzar as fronteiras ou circular publicamente entre esses dois espaços – o da sexualidade (incorporando a performance da “amante”) e o do casamento (incorporando a performance da “fiel”), o que provocaria, de alguma maneira, uma quebra nesse padrão de dominação masculina. (LOPES, 2010, p.144)

Em uma sociedade patriarcal o homem tem um papel superior ao da mulher. Embora tenha havido avanços e conquistas das mulheres na sociedade, ela ainda continua sendo atacada através de discursos machistas e sexistas.

Refletindo acerca de tudo isso, escolhemos as músicas para trabalharmos na ação pedagógica do Estágio Supervisionado III e estruturamos uma metodologia de trabalho, que envolvia a exibição de um documentário, a divisão da turma em grupo para análise das letras e substituição de palavras e uma apresentação artística. Essa metodologia será detalhada na seção a seguir.

4. A AÇÃO PEDAGÓGICA “DANÇAS MUDIÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A MULHER AOS OLHOS DA MÍDIA”

No dia 06/03/2019 iniciamos a execução da ação pedagógica na escola. Encontrava-se na sala em torno de 16 alunos, de uma turma do 1º ano do ensino médio, que foram convidados a se sentar no tatame enquanto apresentávamos o projeto. A turma tinha um perfil equilibrado composto por meninos e meninas com faixa-etária entre 15 a 19 anos.

Figura 1 - Apresentação da ação pedagógica.



Fonte- Arquivo pessoal de Diná Silveira (2019).

Figura 2 - Parte da dos estudantes presentes no primeiro dia.



Fonte- Arquivo pessoal de Diná Silveira (2019).

No primeiro momento, reproduzimos o documentário *As mina do Funk*, que é resultado da pesquisa do Projeto Funk Truck - de Griffé Na Estrada, contemplado pelo programa VAI 2 2016, patrocinado pela prefeitura de São Paulo. O documentário trouxe algumas Mc's com idade entre 16 e 21 anos que retrataram o cenário da mulher no funk, contando um pouco sobre suas trajetórias e as dificuldades encontradas para conseguirem seu espaço no mercado. Sabendo que a maior parte dos Mc's são homens, elas relataram o quanto foi difícil ter apoio para obter mais conhecimentos e domínio no funk, pois sempre lhes perguntavam o que ganhariam em troca se fornecessem "ajuda". Entretanto, mesmo com todos esses desafios, todas tinham o mesmo objetivo: ganhar espaço e não permitir serem inferiorizadas pelo seu gênero.

A entrevistada Mc Negaly, comentou que seu objetivo é enaltecer a mulher através de suas composições e em uma parte da entrevista ela diz: “A batida do funk é gostosa e todo mundo gosta, mas presta um pouquinho de atenção na letra, o que ela está falando, ver que não está legal”. Comprendemos que o ritmo nos leva a dançar/curtir, e não nos atentamos à mensagem que a música apresenta.

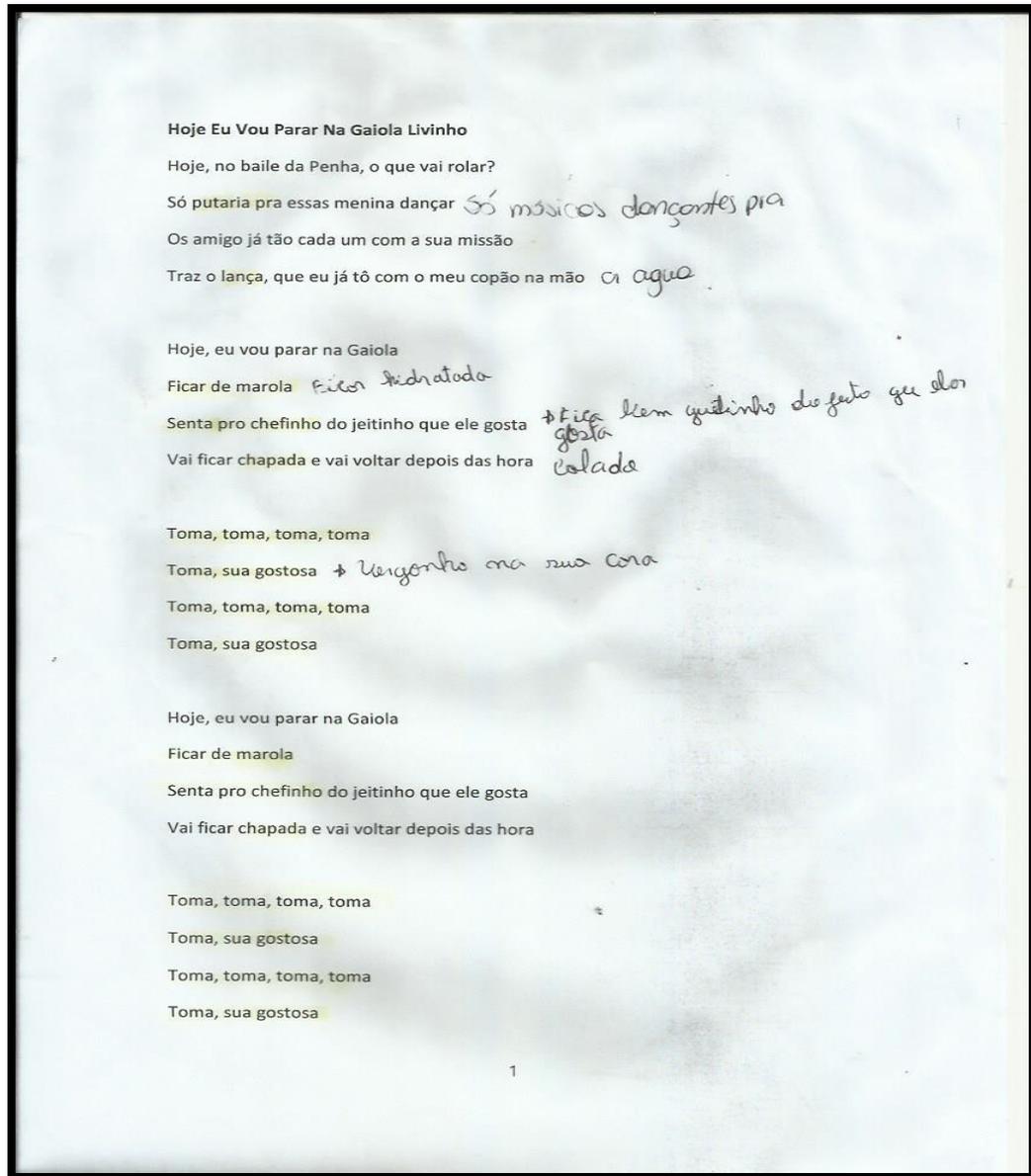
No segundo momento do nosso trabalho, dividimos a turma em quatro grupos e analisamos juntamente com os alunos algumas letras do funk, e solicitamos que desenvolvessem uma nova versão substituindo algumas palavras.

Figura 3 - Auxílio dos estagiários na atividade.



Fonte- Arquivo pessoal de Diná Silveira (2019).

Figura 4 - Letra da música utilizada na atividade.



Fonte - Compositor - MC Livinho ft. Rennan da Penha (2018).

No terceiro momento com a turma, após a análise das músicas e as substituições, abrimos uma roda de conversa para discutirmos a atividade e ouvir o que acharam. Analisamos também a música *Só surubinha de leve* do Mc Diguinho, que na época em que foi lançada causou polêmica sendo o Mc acusado de apologia ao estupro e à violência contra as mulheres. A letra retratava um cenário perturbador, sendo que um dos versos “*Só surubinha de leve, com essas filhas da puta, taca bebiba, depois taca pica e abandona na rua*” causou revolta em redes sociais e foi excluída das plataformas de streaming em janeiro de 2018.

O MC trocou algumas partes da letra chamando-a de versão “light” e conseguiu emplacá-la novamente. Observem o trecho com a versão original e a nova em parênteses:

“Só surubinha de leve,
surubinha de leve
com essas filhas da puta
(mina maluca),
taca bebida depois taca pica,
e abandona na rua
(Mas não abandona na rua).”

O compositor tentou disfarçar fazendo poucas mudanças de palavras, mas a real intenção permaneceu. A mulher colocada como um objeto, trazendo a ideia de embebedá-la para prática sexual. Os alunos perceberam através da atividade o quanto é importante refletir sobre o que está presente na nossa sociedade, o que é dito ou exposto através de músicas, como violência contra mulher, machismo, sexo, droga.

Podemos considerar também que “a cultura do estupro” e a objetificação da mulher são formas de violência que podem desencadear os mesmos crimes e ainda não falamos e combatemos o suficiente para que estas sejam mal vistas quando presentes em nossa cultura musical” (MOTTA e VALENTE, 2018, p. 8).

Na terceira etapa da ação pedagógica que era o processo de criação coreográfica. O grupo deu ênfase às letras das músicas selecionadas, para apresentar, de forma artística, algumas situações que continham nas músicas. O nosso objetivo não foi dar uma aula de dança, mas sim, oportunizar através da apreciação artística uma análise minuciosa das composições de alguns artistas.

Durante o processo de composição, nosso grupo já tinha em mente que não reproduziríamos as coreografias das músicas selecionadas, mas sim, mesclar entre passos do Jazz, contemporâneo, balé e alguns passinhos do funk para compor a parte artística. Após algumas discussões, o grupo decidiu selecionar em cada música trechos que retratavam situações que continha sexo, drogas e bebidas alcólicas. Então em cada parte da coreografia fazíamos uma simulação do que de fato a letra diz.

A apresentação artística foi realizada no dia 09/03/2020 no período da tarde, dando continuidade à ação pedagógica com a mesma turma do 1º ano do ensino médio. Nesse segundo dia havia um número menor de alunos, aproximadamente 10 alunos presentes.

Iniciamos a apresentação com a música *Tome na pepeka*, por Biel Xcamoso, MC Lucy e Shevchenko e Elloco (2018), com a seguinte letra:

“Eu viciado em putaria
 E ela quer namorar comigo
 Calma! Bebê, eu não quero compromisso
 Depois que perdeu o cabaço
 Olha o que ela tá dizendo
 Se eu engravidar a culpa é sua não é minha
 Foi você quem jogou na pepeca
 Vou falar a verdade, vou contar para as minhas amigas
 O Gabriel comeu a minha tcheca
 Tomo, tomo, tomo, tomo, tomo, tomo na pepeca
 O Gabriel do Borel que comeu a minha tcheca”.

Figura 5 - Apresentação artística.



Figura 6 - Apresentação artística.



Fonte- Arquivo pessoal de Diná Silveira (2019).

A parte introdutória foi composta pelos colegas Mikaella Oliveira e Italo Pereira, que como eu, ali também estavam atuando como docentes, que discutiram acerca de uma suposta gravidez, e os outros seis colegas estavam atrás deles intercalados de cabeça baixa. Para essa cena, selecionamos o seguinte trecho: “*Se eu engravidar a culpa é sua não é minha, foi você quem jogou na pepeka*”, nessa primeira fala Mikaela dublava e apontava o dedo para seu parceiro afirmando que a culpa seria dele, em seguida a música iniciava em instrumental e todo grupo começava uma sequência que continha passos do Jazz, contemporâneo e funk.

Na segunda parte selecionamos a música “Sentou e gostou” do Mc Jottapê:

“E ela me chamou, e falou que gostou
 E quer mais de novo
 E eu falei: Calma, amor, espera, por favor

Deixa eu respirar um pouco
E ela sentou e gostou, quicou e gostou
Rebolou pro chefe e me chamou de amor

Oi, senta, senta, senta, vai
Senta, que eu sei que tu gosta
Oi, senta, senta, senta, vai
Ah, tu sabe aonde, né?”

Figura 7 - Apresentação artística.



Figura 8 - Apresentação artística.



Fonte - Arquivo pessoal de Diná Silveira (2019).

Nessa música selecionamos o seguinte trecho: *“Oi, senta, senta, senta, vai. Senta, que eu sei que tu gosta. Oi, senta, senta, senta, vai. Ah, tu sabe aonde, né?”*, montamos uma cena em que quatro amigas estavam em um baile funk e foram cercadas por três homens que enfatizavam que elas gostam de “sentar”, deixando-as constrangidas, retraídas e com medo, com isso em meio às falas dos três homens, elas se perguntavam: “Eu gostei?” Após essa primeira, cena todo o grupo se espalhava pela sala e dançavam a música com alguns passos do funk, mas não reproduzindo a coreografia original da música.

Após a apresentação, foi proposto a turma uma roda de conversa a fim de ouvi-los sobre o que acharam da apresentação artística; e se possuíam alguma informação ou crítica sobre a temática. Embora não obtivemos a participação ativa de todos no momento da fala, alguns se sentiram à vontade e compartilharam o que acharam; afirmaram que não param para ouvir de fato o que as letras relatam, que na maioria das vezes só curtem a batida.

Algumas meninas relataram que não tinham dimensão de como é “pesado” parar para ouvir e analisar a forma que as mulheres são expostas nas letras. Diante disso, pude analisar a

importância de abordar problemáticas sociais, principalmente por talvez estar presentes no cotidiano de todos, ou talvez de alguns.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas últimas considerações, trago o aprendizado que o componente curricular Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) me proporcionou acerca da inclusão da dança na escola, a partir dessa ação pedagógica que fizemos. Ainda que tenha sido apenas um contato inicial com um único grupo de jovens alunos, pude perceber a resistência deles ao serem convidados a participar de aulas de dança, pois a maioria deles não estava disposta a isto.

Através da ação pedagógica, concluímos com êxito o nosso objetivo: conscientizar e fazer refletir sobre as músicas midiáticas e a desvalorização da mulher nas composições de funk. As rodas de conversa e feedback dos alunos foram essenciais para perceber o quão é importante discutirmos algumas problemáticas sociais em sala de aula, para a formação de um senso crítico.

Durante o processo de formação identitária dos adolescentes, compreendo que existe uma influência da mídia sobre eles, e embora ela varie de acordo com a personalidade de cada um, a força da cultura de massa é tamanha, a ponto de direcionar nossos gostos estéticos, e moldar nosso comportamento, vestimentas; podendo nos inspirar positivamente ou negativamente. Em relação às letras do funk, verificamos que muitos dos participantes da nossa ação pedagógica, ao atentarem para elas, não se identificavam nem com os discursos ali presentes nem com a forma de representação da mulher, da violência e sexo exposto. É nesse sentido que a dança se faz importante enquanto elemento de educação de adolescentes e jovens, visto que sua matéria prima é o corpo e fala diretamente a ele. E como pontuei na Introdução deste relato, a prática da dança costuma tirar as pessoas da zona de conforto, fazendo com que acionem partes do corpo que não estão acostumados a usar no âmbito escolar. Cabe a nós educadores aproveitarmos esse desconforto para nos aproximarmos da cultura dos educandos, como é o caso do funk, e refletirmos junto com eles sobre o que vivenciam, ao invés de fugirmos de sua realidade por preconceitos. E a dança tem se revelado como uma excelente forma de agregar novos conhecimentos; rever conceitos e, trazer outros olhares que possam contribuir para a formação dos alunos.

Certamente, as observações e práticas vivenciadas dentro do Estágio Supervisionado II e III se reverberarão em futuras etapas do meu crescimento profissional. Através deles, pude entender melhor a realidade enfrentada por muitos docentes da área de Artes na Educação Básica no país, no que se refere às dificuldades e desigualdades estruturais, e sobretudo, ao preconceito dos estudantes sobre o que é a Dança e quem “deve” praticá-la. Contudo, ao refletir sobre os pequenos resultados que obtivemos com uma ação pedagógica de curta duração, penso que nosso caminho da docência é longo, tem muito que nos ensinar ainda, mas ele pode ser uma via possível de transformações e crescimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. MEC/SEF: 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>.
- BIEL XCAMOSO; SHEVCHENKO; ELLOCO. **Tome na pepeka**. Recife: 2018. 1:59 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wnMTjTz_fL0. Acesso em: 12 fev. 2020
- BONFIM, Letícia. **Funk Carioca, voz feminina e o caso Tati quebra-barraco**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, SC, 2015.
- FACINA, Adriana. **“Não Me Bate Doutor”**: funk e criminalização da pobreza. V Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009.
- FAROFA DE GRIFFE. **As mina do Funk**. Realização Funk De Griffê. 2016. São Paulo. Disponível em: <https://youtu.be/o1l-qGSg0js> Acesso em: 26 fev. 2020.
- GOMES, Lorena Santos. **Lorena Santos**: depoimento [set. 2019]. Entrevistador: D.S. dos Santos.
- G1, Música. **MC Diguinho lança clipe de versão “light” de “Só surubinha de leve”** (18 jan. 2018). Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/mc-diguinho-lanca-clipe-de-versao-light-de-so-surubinha-de-leve.ghtml>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**. Campinas, SP, 2010.
- MC JOTTAPÊ; MC M10;DJ RD. **Sentou e gostou**. 2019. 2:59 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3yhDaLncDlw>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- MEDEIROS, J. (2006). **Funk Carioca: crime ou cultura?** São Paulo, Terceiro Nome.
- MELO, Paloma Santos. **Paloma Santos**: depoimento [set. 2019]. Entrevistador: D.S. dos Santos.
- MOTTA, Luisa; VALENTE, Heloísa. **O discurso de violência contra mulheres na canção das mídias**. XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música- 2018.
- SALVADOR (BA). Prefeitura. **Referencias Curriculares de Arte para o ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Salvador**. Prefeitura Municipal de Salvador; Universidade Federal da Bahia; RANGEL, Beth, AQUINO, Rita; COSTA, Suzane L. (orgs) – Itajaí: Casa Aberta Editora, 2017.
- STRAZZACAPPA, Márcia. **A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança na Escola**. Cadernos Cedes, ano XXI, n 69 o 53, abril/2001.

VIANA, Hermano P. Jr. **O baile funk carioca**: festas e estilos de vida metropolitanos. Dissertação (mestrado em Antropologia Social – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

VIANA, L. R. **Funk no Brasil**: música desintermediada na cibercultura. Revista Sonora, Campinas, UNICAMP v. 3, n. 5, 2010.